Letramento e alfabetização com crianças autistas não verbais: Ensino estruturado e afeto

Autor(res)

Angelica Da Fontoura Garcia Silva
Franciele Cristina Silva Oliveira

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

UNOPAR / ANHANGUERA - CATUAÍ

Introdução

A alfabetização de crianças autistas não verbais representa um desafio significativo no contexto escolar, exigindo abordagens pedagógicas sensíveis, individualizadas e estruturadas. Este relato, apresenta uma experiência vivida por uma professora da Educação Inclusiva- primeira autora deste estudo no acompanhamento do processo de letramento e alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), não verbais. Fundamentado em princípios da educação inclusiva e no método fônico. O trabalho destaca o papel do vínculo afetivo, da rotina previsível e da valorização dos interesses da criança como elementos essenciais para o engajamento e a aprendizagem. A experiência reforça a importância de práticas colaborativas entre escola, família e equipe multidisciplinar e dialoga com diretrizes legais, como a Lei Brasileira de Inclusão (2015) e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC - (2018), reafirmando o direito de todos os alunos a uma educação equitativa, significativa e permeada por estabelecimento de vínculo afetivo e desenvolvimento

Objetivo

Relatar uma experiência pedagógica em ambiente de letramento e alfabetização de crianças autistas não verbais, evidenciando os impactos de uma abordagem estruturada e afetiva, mediada pelo método fônico e apoiada por ações colaborativas entre educadores, família e equipe de profissionais.

Material e Métodos

Este relato apresenta-se como uma experiência de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, adequado para examinar um fenômeno em seu contexto natural e para sistematizar aprendizados profissionais (Gil, 2017). A primeira autora, professora-psicopedagoga, apresenta reflexões sobre a própria prática em ambiente de letramento/alfabetização. A experiência foi vivenciada em ambiente escolar, por meio de práticas planejadas com base em observações, interações espontâneas e identificação das potencialidades e interesses das crianças. As intervenções seguiram um plano estruturado, envolvendo o método fônico, com ênfase na consciência fonológica e na mediação visual-sonora, com rotinas cuidadosamente organizadas de maneira a oferecer previsibilidade e segurança, respeitando o tempo da criança, seus focos de interesses, suas habilidades consolidadas e o processo de desenvolvimento da sua autonomia. Foram utilizadas técnicas do método fônico, recursos tecnológicos e digitais como jogos de identificação sonora e visual em tablets e computadores, ambos,

utilizados de modo a proporcionar a interatividade da criança com o conteúdo abordado. A sistematização seguiu o ciclo de reflexão-na-ação e reflexão sobre-a-ação na qual não houve coleta, análise ou divulgação de dados individualizados de estudantes (sem produtos escolares, falas, imagens/áudio ou informações identificáveis). Por tratar-se de relato reflexivo de prática docente, sem participação de sujeitos nem divulgação de informações individualizáveis, não se aplica o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Caso algum dado individual venha a ser incluído em versões futuras, será submetido à apreciação ética e obtido o consentimento correspondente.

Resultados e Discussão

O progresso demonstrou ser diferente do modelo tradicional de alfabetização. As crianças demonstraram avanços expressivos em atenção, associação simbólica e tentativa de comunicação, passando a reconhecer letras e palavras, identificando e selecionando por meio de gestos, apontamentos e a expressar suas preferências com maior autonomia. A interação com materiais escritos tornou-se mais autônoma e intencional. À luz da abordagem histórico-cultural de Vygotsky, esses progressos indicam o início da internalização de instrumentos simbólicos e a atuação na zona de desenvolvimento proximal, pois as crianças foram capazes de usar o conhecimento em contextos diferentes como por exemplo, ver a palavra bola escrita em um livro e associar, ou até mesmo, apontar para uma bola e verbalizar “BO”. A estruturação do ambiente e o vínculo afetivo também revelaram-se fundamentais para reduzir a ansiedade e favorecer a aprendizagem de maneira a assegurar que os estímulos do ambiente não fossem condições de distração para as crianças, por terem sido previamente organizados. Em suma, foi possível identificar alguns indicadores de avanço como: 1. Reconhecimento de sons isolados; 2. Associação de sons às boquinhas; 3. Emparelhamento de sílabas iguais; 4. Identificação de palavras simples em cartões; 5. Relação de palavras com objetos reais; 6. Uso de cartão/PEC para se comunicar. Os resultados também se articulam com os princípios da BNCC e da LBI, ao evidenciarem a importância de práticas inclusivas que respeitam os diferentes ritmos de aprendizagem que potencializam as capacidades de cada aluno. Foi utilizado um quadro comparativo de evolução, no qual percebeu-se um processo contínuo na linha de aprendizagem estruturada da alfabetização dessas crianças.

Conclusão

A experiência reafirma que o letramento e a alfabetização de crianças autistas não verbais pode ser viável quando suas singularidades são respeitadas e as ações são estruturadas e organizadas com mediação afetiva, natural e colaborativa. O método fônico, articulado a uma prática pedagógica inclusiva e intencionalizada, mostrou-se efetivo aliado para promover avanços significativos na linguagem expressiva e receptiva, ampliando as possibilidades para a concretização da alfabetização, concluindo que, diante de muitos métodos de escolarização, o fônico, é o mais indicado no trabalho com o TEA.

Agência de Fomento

CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Referências

AMARAL, M. I. R. do. Educação e autismo: estratégias de ensino para promover a inclusão escolar. São Paulo: Memnon, 2018.

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br
GIL, Antonio Carlos.Como elaborar projetos de pesquisa – 6. ed. – São Paulo : Atlas, 2017.
SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.